

**Nize Maria Campos Pellanda**



Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)  
[nizepe@gmail.com](mailto:nizepe@gmail.com)

## **RESENHA: PARADIGMA EDUCACIONAL E ECOSISTÊMICO - POR UMA NOVA ECOLOGIA DA APRENDIZAGEM HUMANA - MARIA CÂNDIDA MORAES**

### **RESUMO**

Este trabalho resenha a obra Paradigma educacional e ecossistêmico: por uma nova ecologia da aprendizagem humana de Maria Cândida Moraes.

**Palavras-chave:** Complexidade. Transdisciplinariedade. Ecossistema. Educação.

## **REVIEW: EDUCATIONAL AND ECOSYSTEMIC PARADIGM - FOR A NEW ECOLOGY OF HUMAN LEARNING - MARIA CÂNDIDA MORAES**

### **ABSTRACT**

This article reviews the work Paradigm educational and ecosystemic: for a new ecology of human learning by Maria Cândida Moraes.

**Keywords:** Complexity. Transdisciplinarity. Ecosystem. Education.

## **REVISIÓN: PARADIGMA EDUCATIVO Y BASADO EN EL ECOSISTEMA - POR UNA NUEVA ECOLOGÍA DEL APRENDIZAJE HUMANO - MARIA CÂNDIDA MORAES**

### **ABSTRACT**

Este trabajo revisa la obra Paradigma educativo y ecossistêmico: para una nueva ecología del aprendizaje humano de Maria Cândida Moraes.

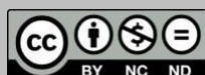
**Palabras clave:** Complejidad. Transdisciplinariedad. Ecossistema. Educación.

**Submetido em:** 26/09/2022

**Aceito em:** 28/11/2022

**Publicado em:** 23/12/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n36p281-286](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n36p281-286)



## PARA REENCANTAR A EDUCAÇÃO

Foi com muita emoção que li esse livro da Maria Cândida Moraes. Lavei a alma! Em meio a uma crise de obscurantismo denso e profundo em nosso país, no qual sucumbiram a educação, a ciência e a cultura em geral, essa leitura foi um sopro de esperança e resiliência.

Fui realmente muito afectada, para usar a linguagem espinosiana, por esses escritos. Para lembrar novamente Espinosa (1983), os bons encontros nos potencializam e nos ajudam a nos reconfigurar. Esse foi um bom encontro. Já não sou mais a mesma depois de ler essas escritas.

Vivemos uma crise civilizatória da maior gravidade e, no caso brasileiro do momento, os fatos convergiram para situações de degeneração das subjetividades, crise ambiental, radicalização da injustiça social, uso perverso da religião com prejuízos evidentes para a espiritualidade humana, corrupção generalizada e muitas outras atrocidades que não é o momento de elencar aqui. Mas, o importante a assinalar nesse texto é a crise existencial que esse contexto envolve. E é justamente onde reside a pertinência e valor do livro de Maria Cândida. O que essa autora traz é justamente um olhar complexo que não separa as diferentes dimensões da realidade mostrando uma relação visceral entre cognição, processos de subjetivação e ambiente. O título do livro já explicita essa ideia holística e a autora já diz a que veio: “Paradigma Educacional Ecossistêmico - Por uma nova ecologia da aprendizagem Humana”.

Realmente, as fragmentações da modernidade foram longe demais comprometendo existencialmente as subjetividades humanas pois perderam o sentido da vida por se separar de si mesmo, dos outros e da natureza. Já nas palavras do Prefácio, Carlos Rodrigues Brandão desvela o principal mote do livro “Precisas salvar o mundo! Precisamos salvaguardar a Vida. Precisamos nos reinventar a nós-mesmos, os Seres Humanos”.

Maria Cândida vai direto nas feridas civilizatórias. Rigorosamente ancorada nos pressupostos seminais da complexidade e amorosamente seguindo os passos de seu querido mestre e amigo Edgar Morin, a autora assume uma atitude intuitiva muito pessoal como pesquisadora e ser humano que, no caso, são dimensões inseparáveis em sua subjetividade.

Assim equipada Maria Cândida vai direto naquilo que está sangrando:

Modelos insustentáveis de produção da economia e de consumo, inspirados no paradigma tradicional da ciência, vêm contribuído tanto para a deterioração das

condições climáticas do planeta e o recrudescimento das catástrofes ambientais bem como o surgimento da atual pandemia que vem destruindo a vida no planeta Terra. É só olhar pela janela e perceber as ameaças mortais e globais provocadas pela pandemia dos coronavírus, pela degradação da biosfera, por uma economia mundial absolutamente fragilizada e descontrolada, pelos conflitos étnico-religiosos e pela proliferação das armas nucleares que ameaçam a vida de todos nós (MORAES, p.21,2021).

Com essas palavras, a autora inicia seu livro e anuncia seus propósitos. Ela parte da caracterização muito lúcida do contexto mundial e busca o papel fundamental da Educação para enfrentar esse caos. Ela não simplifica em momento algum mostrando a Educação como solução para todos os males do mundo, mas mostra com maestria porque a educação é fundamental para a humanidade. E é aí, a meu ver, o grande mérito desse livro e dessa educadora: ela resgata o sujeito-autor de si e da realidade que foi banido na modernidade. Maria Cândida traz de volta o protagonismo de cada ser humano, sua responsabilidade na tragédia e seu potencial de criação e mudança. Pela educação, pelo devido sentido do que significa conhecer, concebido não como representação de algo externo e fora de nós, mas como o encontro com nós mesmos e com o outro, podemos chegar à uma consciência planetária para romper com o individualismo e desprezo pela natureza viva aos quais fomos jogados pelo paradigma newtoniano-cartesiano.

E, nessa senda, seguem as reflexões complexas sobre educação e crise civilizatória atual agora em pergunta direta da autora ao grande Mestre sobre qual seria a finalidade da educação, Morin responde de modo direto: “Ensinar a viver” (MORAES, 2021, p.22). Para mim, essa questão da aprendizagem do viver é fundamental! Fomos lançados, nos tempos modernos e não por acaso, a uma educação que considera o conhecimento como algo formal que não toca às subjetividades humanas. Confundem conhecimento com informação. Com isso, tiram do conhecimento a função existencial mais nobre que é a construção de si como sujeito-autor, protagonista da história e timoneiro de seu próprio barco.

Um dos objetivos mais importantes desse livro é a formação dos docentes que atuam nessa dura realidade. Nesse sentido, a autora pensando nas questões ideológicas de manipulação via educação referidas no parágrafo anterior, mostra a necessidade de rompermos com a hegemonia de uma educação formal embasada numa abstração da generalização do princípio de escolarização universal que somente trouxe fracassos em termos existenciais humanos. E assim, Maria Cândida vai nos provocando para pensar, nos tirando da letargia na qual estamos mergulhados.

No capítulo 1: "Reconstruindo o meu percurso intelectual", a autora mostra a sua cara. Nesse espaço ela descreve seu caminho de pesquisadora de forma capilar com seu jeito amoroso de ser e seus valores existenciais mais fundantes. Como não poderia deixar de ser, alguém que se posicionou no Paradigma da Complexidade, que abraçou os pressupostos seminais da teoria da Biologia da Cognição de Maturana e Varela (1980), incorpora a concepção de cognição como inseparável do processo de viver expressa no seguinte aforismo: "Viver é conhecer. Conhecer é viver" (MATURANA; VARELA, 1990, p.123) não poderia deixar de lado sua autoria. E ainda, incorpora o princípio de Autopoiesis, ou seja, os seres vivos são produtores de si mesmos, nada de fora determina o que acontece com eles, somente perturbam levando a reconfigurações subjetivas e neurofisiológicas. Portanto, a autoria de si não é um luxo, é uma condição biológica. E ser autor de si mesmo não significa solipsismo ou ausência de alteridade. Muito pelo contrário, os seres humanos são seres amorosos, dependentes do amor. Sem isso, os seres humanos adoecem (MATURANA, 1991). Essas ideias estão presentes ao longo de todo o livro, elas subjazem em cada parágrafo.

Para tentar mostrar um pouco mais a complexidade do olhar sensível da autora, ilustro com as seguintes reflexões:

Mas por outro lado, percebo também, por meio do aprofundamento de meus estudos, que vários físicos vinham reconhecendo que qualquer que fosse a experiência humana, esta se apresentava de maneira complexa, envolvendo vários níveis de realidade, do nível físico ao mental, passando pelo biológico, social, cultural e espiritual e exigindo, assim, uma cooperação de várias áreas do conhecimento envolvendo diferentes domínios da ciência (MORAES, 2021, p. 39)

No capítulo 2 "Plataforma Teórica" a autora faz uma varredura do Paradigma da Complexidade de forma muito competente e didática o que se constitui em fonte preciosa de conhecimento sobre o tema.

No que se refere ao Paradigma da Complexidade, como revolução epistêmica e ontogênica da realidade, estou convencida de que Maria Cândida Moraes é uma referência nacional e internacional pelo fato de ela ter percebido o alcance existencial profundo desse movimento. Com uma escuta muito sensível e uma percepção muito sutil ela captou o cerne da complexidade como aquilo que junta as partes dilaceradas da realidade com a potência para recuperar uma humanidade dilacerada. Esse ponto é explicado de forma exemplar no capítulo 3 "Pressupostos ontológicos e Epistemológicos "derivados das Ciências Complexas".

Num processo de complexificação crescente, a autora chega ao Capítulo 4, tocando a questão-fonte: "Em busca de uma Epistemologia da Complexidade". Essa é uma demanda fundamental pois é preciso cartografar os pressupostos básicos da

complexidade que ainda não foram cartografados para podermos operar efetivamente com eles. E, nessa operação, juntar as dimensões cognitivas e subjetivas para obter toda a força dos paradigmas que reside nas convergências, na busca do UNO. Afinal, tudo é UM como afirmam os sábios e místicos da Filosofia Perene e da sabedoria oriental-

Essas inferências profundas sobre complexidade me fazem lembrar as palavras de meu poeta preferido:

Um lugar em que o Conhecimento, o Amor e a Energia correm em uma corrente unificado é um lugar Santificado, onde reina a Alegria. Todo o ser pode se sentir inundado pela mesma Alegria, se essas três correntes saídas da realidade primeiro crescerem e se fundirem dentro dele; contudo, se a unidade delas se romper, penosas consequências disso resultaram, inevitavelmente.” (TAGORE, 2010, p.184).

No Capítulo 5 “Implicações metodológicas da complexidade” são apresentados os desdobramentos metodológicos do paradigma para o efetivo desempenho dessa epistemologia para chegar afinal à demanda crucial da transdisciplinariedade pois não se trata mais de agregado de disciplinas (multidisciplinariedade) ou de articulação de disciplinas (interdisciplinariedade) mas de atravessamentos e convergências de princípios epistêmicos básicos e fundantes do conhecimento.

Finalmente, no último capítulo, o sexto, Maria Cândida faz um brilhante trabalho de complexificação ao fazer convergir todos os cabos que foi soltando e tecendo ao longo do caminho. Nesse capítulo “Paradigma Educacional Ecossistêmico”, ela chega à questão da planetarização expressando o coração da complexidade: nós somos UM com tudo o que existe e a natureza somos nós. Ao perdermos essa consciência adoecemos- o planeta e nós.

Esse livro, além de ser um tratado profundo sobre o Paradigma da Complexidade de leitura de formação para cientistas, docentes e filósofos, é também uma leitura terapêutica de esperança do advento de uma humanidade recuperada de sua condição humana e amorosa.

Muito teria que ser dito ainda sobre esse livro emblemático mas, pelos limites desse texto, deixo para outros (as) dizerem. O que destaco aqui ao finalizar é que Maria Cândida respondeu às demandas radicais colocadas por Gaston Bachelard: construir uma epistemologia “não-coisista” e pratica o arrombamento do Paradigma newtoniano-cartesiano (BACHELARD, 1985)

## REFERÊNCIAS:

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. São Paulo: Abril, 1984.

ESPINOSA, B. **Ética**. São Paulo: Abril, 1983.

MATURANA, H.; VARELA, F. **Autopoiesis and cognition**. Dordrecht: D. Reidel, 1980

MATURANA, H. VARELA, F. **El árbol de conocimiento**. Santiago: Universitária, 1990.

MORAES, M.C. **Paradigma Educacional Ecossistêmico**. Rio de Janeiro: WAK, 2021.

TAGORE, R. **A morada da paz**. Campinas: Verus, 2010.